



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS



Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

Migração mineira no município de Rio Claro, SP: o caso do bairro Jardim Progresso

Carina Reis da Silva

Prof.Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Rio Claro (SP)

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

CARINA REIS DA SILVA

MIGRAÇÃO MINEIRA NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO, SP: O
CASO DO BAIRRO JARDIM PROGRESSO

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP
2015

325.1 *Silva, Carina Reis da*
S586m Migração mineira no município de Rio Claro, SP: o caso do bairro
Jardim Progresso/ Carina Reis da Silva. – Rio Claro, 2016-02-05
44 f. : il., figs., gráfs., forms., tabs., quadros, mapas

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) –
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Paulo Roberto Teixeira de Godoy
Coorientadora: Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, Darlene
Aparecida de Oliveira Ferreira

1. Migração. 2. Migrações internas. 3. Minas Gerais. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

CARINA REIS DA SILVA

MIGRAÇÃO MINEIRA NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO, SP: O CASO DO BAIRRO JARDIM PROGRESSO

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Paulo Teixeira de Godoy

ProfªDrª Darlene Ap. de Oliveira Ferreira

ProfªDrª Bernadete Ap. C de Castro Oliveira

Rio Claro, 08 de Dezembro de 2015.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por cuidar de mim em todos os momentos. “Provai, e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia” Salmos 34:8.

Aos meus pais Marta e Cristovão, meus segundos pais tio Natal e mãe Mariza por me criarem e suprirem todas as minhas necessidades, pelo o incentivo e apoio em todas as etapas de minha vida. Dedico a vocês este trabalho.

Às minhas irmãs Cintia e Cibele, pelos momentos de risadas e pelo verdadeiro suporte que são para mim. Sei que sempre poderei contar com vocês.

À vó Ivone, por ser a avó cuidadosa e prestativa que é. Sua disposição é maior que a minha e de muitos jovens. Te admiro.

Ao Marquinho, meu irmão-cunhado. Você sempre esteve na torcida por mim, me animando e encorajando. Sou grata a você por tudo.

Aos meus sobrinhos Brenno, Brayan e Alice, vocês são especiais. Amo vocês.

A toda minha família que sempre me apoiou e incentivou a nunca parar de estudar.

À Elaine e às meninas da Papelaria Lápis de Cor. Nossa história começou antes de minha jornada unespiana, aprendi muito trabalhando com vocês. As que já foram de lá: Aline Almeida (você tem parte nisso rss me ajudou a prestar o vestibular, te devo essa!), a Alinne Bombom, a Aline Rosário, a Dani Sass, Laine, Grazi, Vanessa, Lu, Arionete, Daiana, Gaby, Grazi. As que me ajudaram com a impressão de cada exemplar: ..MUITO OBRIGADA. O trabalho de vocês me fez marcar o último gol da partida.

Aos amigos de graduação e para vida: Nathalie, Monique, Ivy, Cecy, Vivian, José Renato, Luis, Everaldo, Leticia, Ana Carolina, Pedro Ivo, Coffee, Gil, Gisele, Babu, Hyanki, Rachel, Felipe Ponte, Ralf, Felipe Porto, Nati, Pedro Costa e Léo. Conviver com vocês durante a graduação fez dela mais suave e humorada, nossos trabalhos de campo foram I N E S Q U E C Í V E I S. Que bom que aproveitamos tudo e mais um pouco, até as cataratas de Minas Novas RSS... só os fortes entenderão!

Ao projeto de extensão da Unesp, no qual tive a oportunidade de aprender um pouco de kung fu com os professores Thomaz e Jhonatan. Foram momentos muito importantes para a minha saúde corporal e mental. Gratidão.

À Mari, Taci, Consul, Carol, Marcela, Camila, aos “Fers”, Dani, Pedro e ao pessoal do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, pela oportunidade de estagiar nesta instituição e conhecer pessoas maravilhosas como vocês. Os levarei sempre em meu coração meus amigos.

Aos amigos Rodrigo e Matheus Bernardo, Ariadne, Josy, Juninho, Michelle, Fabiola, Leandro, Dani, Jehan, Milena, Thaianne, Rodrigo Szabo, Gabriela Zumpano, obrigada pelas palavras de ânimo.

A toda galera do coral Vozes de Júbilo do qual tenho o prazer de fazer parte.

Ao meu amado Rubens, pela valiosa ajuda, não fosse você, eu teria jogado tudo para o alto. Obrigado por colocar a mão na massa junto comigo neste trabalho. Amo você.

Ao Léo Mendes novamente, pela ajuda com os mapas. Agradeço pela competência e empenho junto comigo neste trabalho.

Ao casal de migrantes do bairro Jardim Progresso, Bruno e Jéssica que, com muita boa vontade me ajudaram com a aplicação dos questionários me levando a cada casa onde sabiam que havia moradores mineiros. E claro, aos migrantes mineiros que aceitaram responder aos questionários, vocês são o principal motivo da realização deste trabalho.

Aos funcionários da biblioteca da UNESP de Rio Claro e a equipe da Seção Técnica de Graduação, sempre muito prestativos e atenciosos.

Ao professor Paulo Godoy por me orientar e indicar as leituras. Pelas aulas de Análise Populacional e pelas enriquecedoras discussões.

*[...] Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que é a custo que se equilibra,*

*no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.*

*E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual:
mesma morte severina.*

*Que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia.*

*(De fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade
e até gente não nascida.)*

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.*

*Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino .
que em vossa presença emigra.*

João Cabral de Melo Neto, 1955, p.276

RESUMO

O presente estudo intenta realizar a análise dos movimentos migratórios no município de Rio Claro – SP, especificamente no bairro Jardim Progresso. O bairro mencionado caracteriza-se pela concentração de famílias de trabalhadores em sua maioria nordestinos e mineiros. Entre os quais, buscou-se estudar o perfil dos migrantes oriundos do Estado de Minas Gerais, por meio da aplicação de questionários e trabalhos de campo. De modo geral, estas famílias migraram a fim de melhorar sua qualidade de vida e elevar sua renda. A pesquisa se baseia na análise geográfica dos aspectos socioeconômicos e culturais do movimento de migrações e suas relações com os mercados local e regional de trabalho.

Palavras – chave: migração, Minas Gerais, Rio Claro.

ABSTRACT

This study intends to perform the analysis of migration in the city of Rio Claro – SP, specifically in Jardim Progresso neighborhood. The neighborhood is characterized by the concentration of working families mostly northeastern and mineiros. This paper builds a profile of migrations from Minas Gerais, through the use of questionnaires and fieldwork. Generally these families migrated in order to improve their quality of life and raise incomes. In this sense, there was a geographical analysis of socioeconomic and cultural aspects of migration movement and its relations with the local and regional labor markets.

Word – keys: migration, Minas Gerais, Rio Claro.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Penetração de mineiros no Estado de São Paulo, início do século XIX | 12 |
| Figura 2: Taxas anuais de migração (por mil habitantes): Regiões Administrativas do Estado de São Paulo 1980/1991 | 15 |
| Figura 3: Localização de Rio Claro (SP)..... | 16 |
| Figura 4: Estado de origem e número de indivíduos migrantes com destino a Rio Claro (Sp) na década de 1970..... | 20 |
| Figura 5: Imagem de satélite da zona urbana de Rio Claro, SP | 22 |
| Figura 6: Imagem de satélite dos bairros Parque São Jorge e Jardim Progresso..... | 23 |
| Figura 7: Mapa de fluxos migratórios segundo os municípios de origem e o município de Rio Claro, SP..... | 25 |
| Figura 8: Localização dos municípios de origem dos entrevistados | 26 |
| Figura 9: Ano de chegada em Rio Claro | 29 |
| Figura 10: Motivo pelo qual migrou para o município de Rio Claro | 30 |
| Figura 11: Grau de escolaridade dos entrevistados | 31 |

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trajetória dos migrantes entrevistados antes de chegarem ao município de Rio

Claro28

Quadro 2: Ocupação no município de origem e no município de Rio Claro32

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1: População rural e urbana 1940/1980 | 9 |
| Tabela 2: Crescimento Populacional e Migração Líquida das Regiões Brasileiras: (1970-1980) | 10 |
| Tabela 3: Número de habitantes e áreas dos municípios estudados | 24 |
| Tabela 4: População dos municípios norte mineiros estudados | 27 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.2 Metodologia | 2 |
| 1.3 Justificativa | 3 |
| 2. MIGRAÇÃO – CONCEITUAÇÕES TEÓRICAS | 4 |
| 2.1 Tendências da migração e sua participação no desenvolvimento Urbano/Industrial em São Paulo | 6 |
| 2.1.1 Concentração industrial e migração no Estado de São Paulo | 7 |
| 2.1.2 Migração mineira em São Paulo | 11 |
| 2.1.3 Modificações socioespaciais: expansão da indústria paulista em direção ao interior | 13 |
| 2.2 Processo de industrialização em Rio Claro, SP | 15 |
| 2.3 Rio Claro no contexto da migração | 19 |
| 3. JARDIM PROGRESSO: UMA EXTENSÃO DO BAIRRO PARQUE SÃO JORGE ... | 22 |
| 3.1 Caracterização dos municípios mineiros | 24 |
| 3.2 Outros municípios receptores | 28 |
| 3.3 Ano de chegada e possíveis causas de emigração | 29 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 34 |
| 5. REFERÊNCIAS | 35 |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 37 |

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade analisar a trajetória de migrantes oriundos do estado de Minas Gerais residentes no bairro Jardim Progresso no município de Rio Claro – SP.

Trata-se de um estudo de caso, portanto, de um recorte analítico específico, no qual buscou-se compreender por qual (is) motivo (s) ocorrem os movimentos migratórios que tomam Rio Claro como destino. Para tanto o trabalho divide-se em duas etapas, o primeiro consistem revisões bibliográficas para interpretar o fenômeno migratório à luz do debate teórico sobre tal questão, a fim de realizar a leitura da realidade e de nosso objeto de estudo pela lente da ciência geográfica. Na segunda etapa, a análise e discussão dos resultados obtidos através da aplicação de questionários previamente elaborados.

O processo de industrialização e o processo de urbanização constituem duas instâncias fundamentais para compreender as migrações internas, visto que, espacialmente, as indústrias e o setor de comércios, serviços e de comunicação instalam-se em áreas urbanizadas, cuja infraestrutura lhes permite desempenhar suas atividades que estão interligadas, logo, são atividades espacialmente concentradas. Assim, é possível depreender que as migrações resultam de desigualdades espaciais e se direcionam às cidades industrializadas, cuja oferta empregos e salários é ampla e funcionam como atrativos. Importante ressaltar que muitos dos migrantes dirigem-se para cidades mais urbanizadas e industrializadas, procurando não necessariamente empregar-se nas indústrias, mas a procura de uma colocação em qualquer setor, seja formal ou informal, podendo usufruir do acesso a bens e serviços públicos de melhor qualidade nestas cidades.

Parte-se neste estudo da seguinte hipótese:

A redefinição das atividades econômicas e espaciais da RMSP (Região Metropolitana de São Paulo) direcionou os fluxos migratórios, principalmente de mineiros para o município de Rio Claro a partir da década de 1970.

1.2 Metodologia

Este estudo foi estruturado em duas etapas. A primeira delas compreende os procedimentos de levantamento bibliográfico e documental a partir de variadas fontes, entre elas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Centro de Estudos Migratórios (CEM). Por meio da consulta de obras, periódicos, teses, dissertações e anais de eventos científicos, foi possível coletar dados secundários, tais como material cartográfico e tabelas. Organizados e tabulados, estes dados possibilitaram uma visão panorâmica do fenômeno migratório em escala nacional de grande importância para este estudo que permite dialogar e contribuir com o estudo em questão.

Para a segunda etapa, inicialmente foram feitos trabalhos de campo ao bairro Jardim Progresso para conhecer a dinâmica do local estudado e de seus moradores. Realizou-se a aplicação dos questionários previamente elaborados.

As idas ao bairro para a aplicação dos questionários foram marcadas muitas vezes por abordagens mal sucedidas, visto que, os moradores se recusavam a responder ao questionário mesmo com a devida identificação da pesquisadora e dos documentos da instituição de ensino para a qual desenvolvi este estudo. É compreensível a recusa por parte dos moradores em falar sobre sua trajetória migrante e os motivos que os levou a virem para o município de Rio Claro para uma pessoa que não está inserida na comunidade e, portanto, desconhecida.

Por meio de conversas com moradores do bairro, conheci a igreja Assembleia de Deus – Ministério do Belém, onde fui informada que muitos migrantes, entre eles mineiros frequentam os cultos. Ao visitar a igreja em um domingo, conheci um casal de migrantes que solícitamente me ajudaram com a aplicação dos questionários me inserindo no grupo social e me conduzindo às pessoas que conheciam. Com esta abordagem, obtive êxito. Entretanto, ainda assim, algumas pessoas se recusaram a responder às perguntas, mesmo conhecendo o casal que acompanhei, talvez pelo receio de fornecer informações a órgãos públicos ou por não confiarem na veracidade da pesquisa ou simplesmente por não terem interesse em responder a um questionário.

A pesquisa se enquadra no método de *amostragem não-probabilística* (BABBIE, 2005), em que não se pretende captar a totalidade do número migrantes na pesquisa. Esperava-se atingir uma amostra de 30 indivíduos, mas foi reduzida para 20, tendo em vista a dificuldade

em encontrar pessoas dispostas a responder ao questionário por motivos mencionados anteriormente.

Em seguida, os dados obtidos foram organizados e analisados a partir de tabelas, gráficos e a confecção de documento cartográfico representando os principais fluxos migratórios dos municípios mineiros com destino ao município de Rio Claro.

1.3 Justificativa

A motivação em realizar um trabalho acadêmico com temas relacionados à migrações internas surgiu em primeiro lugar pela própria experiência da pesquisadora. Filha de pai pernambucano – que migrou para a capital do Estado de São Paulo em 1976 em busca de melhores condições de vida e a procura de um emprego melhor remunerado – e mãe paulistana. Em 2001, foi minha vez de passar pela experiência da migração, com minha mãe, minha irmã e meu sobrinho, viemos morar em Rio Claro. Meu pai e minha irmã mais velha vieram depois. Os motivos pelos quais migramos foram, principalmente para nos livrar da vida agitada e violenta da Região Metropolitana de São Paulo, em busca de uma vida sossegada no interior do Estado. Entretanto o fator emprego não pode ser negligenciado, afinal precisávamos de estabilidade financeira.

À parte dos motivos pessoais da pesquisadora, o interesse sobre o fenômeno migratório, veio da observação de alunos da Escola Estadual Nelson Stroili, localizada no Jardim Ipanema, onde lecionei em 2013 e 2014. Grande parte dos estudantes são migrantes ou filhos de migrantes mineiros moradores do bairro Jardim Progresso. Assim veio a motivação em realizar a pesquisa sobre a trajetória destes migrantes sob a perspectiva do trabalho, isto é, que os movimentos migratórios se ajustam às transformações ocorridas na economia e se materializam nas cidades em processo de industrialização.

2. MIGRAÇÃO – CONCEITUAÇÕES TEÓRICAS

O fenômeno migratório é objeto de estudo de variadas abordagens e correntes teóricas. Neste capítulo, buscamos realizar o resgate de tais enfoques a fim de compreender os esforços de uma classificação dos estudos populacionais, especificamente das migrações. No entanto, procurou-se problematizar neste capítulo o conceito de migração e o papel social que desempenha na sociedade capitalista.

Partindo dos pressupostos da escola neoclássica, Ravenstein (1885) foi um dos pioneiros nas análises dos movimentos populacionais, ao formular as “Leis da migração”, seus estudos versavam sobre as migrações internas na Grã-Bretanha, no contexto da revolução industrial. Com o advento e expansão do capitalismo, supõe-se a demanda de uma população trabalhadora, portanto, suas formulações consistiam no levantamento estatístico em que: *“as informações levantadas, dizem respeito à distância, à existência de movimentos migratórios sucessivos a partir de um centro industrial ou comercial.”* (FILENI 2004. p.5).

Sob o mesmo enfoque, Lee (1966) formulou hipóteses gerais a respeito do contingente das migrações em condições variadas e de fatores negativos e positivos nas áreas de origem e destino dos migrantes e de fatores pessoais (BECKER, 1997: 327). Adiante, Todaro (1969), propõe o modelo baseado no comportamento das migrações rurais-urbanas, que se evidencia pela modernização do campo que acarretou o desemprego de camponeses que não eram absorvidos pela “economia moderna.” O esquema analítico proposto por este autor, levava em consideração a decisão do migrante e na avaliação que o mesmo fazia do diferencial de renda entre o local de origem e o local de destino. (BECKER, ibdem: 329).

Tais representantes da escola neoclássica partiam do pressuposto de que a decisão de migrar estava centrada apenas na escolha individual do migrante. A respeito da concepção neoclássica contemporânea, Neto (1997, apud LEITE et. al. p. 6), argumenta que:

O migrante acaba reduzido a um portador de trabalho que deve ser alocado para maximizar os ganhos que parecem ser seus, mas são, sobretudo, do capital. Outra característica central dessa perspectiva consistiria na centralidade conferida para a racionalidade do indivíduo, pensado como sujeito burguês, quando o mesmo avalia a relação entre os custos (inclusive subjetivos) da migração e os benefícios provenientes dos aproveitamentos dos diferenciais mencionados.

A crítica que se faz ao procedimento neoclássico é que este desconsidera a dimensão histórica das migrações, atribuindo ao indivíduo a motivação e a decisão de migrar. O que diverge da concepção *histórico – estrutural*.

A abordagem histórico estrutural, cujo enfoque aponta as desigualdades espaciais como uma das causas estruturais da migração, tem Singer (1998) como um dos principais representantes desta vertente, que caracterizou a migração como “fenômeno social historicamente condicionado”, considerando as mudanças globais tanto de ordem política quanto de ordem econômica, na qual, a mobilidade populacional é resultado de tais alterações. Para o autor as migrações internas e as migrações internacionais “não parecem ser mais que um mero mecanismo de redistribuição espacial da população que se adapta, em última análise, ao rearranjo espacial das atividades econômicas.”(p. 31). Partindo desta perspectiva os movimentos migratórios são tidos como uma estratégia para o ajustamento das atividades produtivas no capitalismo, cuja concentração espacial, torna determinadas regiões mais atrativas do ponto de vista econômico em detrimento das outras regiões menos abastadas.

Tal perspectiva analisa as migrações a partir da observação da estrutura social como um todo, analisando suas condições de ordem social, econômica e política que contextualizam os fluxos migratórios (LEITE et. al. 2013, p 7). No entanto, tal abordagem remete a segundo plano a dimensão subjetiva do sujeito, dando maior importância às estruturas sociais e aos seus desdobramentos, que explicam a propensão para a migração.

Gaudemar (1977) procurou relacionar o termo migração ao termo mobilidade do trabalho, em suma, quando da sua partida, o migrante possui apenas sua força de trabalho, a única mercadoria que dispõem e que será usada pelo capital para gerar valor. Segundo o autor:

Trabalhador livre em duplo sentido. Primeiro, o trabalhador deve ser uma pessoa livre, dispondo à sua vontade da sua força de trabalho como de uma mercadoria que lhe pertence; em segundo lugar, não deve ter qualquer outra mercadoria para vender; deve ser por assim dizer, livre de tudo, completamente desprovido das coisas necessárias às realizações da sua força de trabalho. GAUDEMAR (1977,p.30)

Depreende-se com a abordagem da mobilidade do trabalho, portanto, que o indivíduo é atraído por locais onde a demanda por mão de obra é farta, e a partir da força de trabalho de que disponibiliza, irá gerar a produção de mais valia para o capital. Tais movimentos se

adéquam às opções econômicas do modelo de desenvolvimento adotado, caracterizando a expressão “migrante profissional” (PATARRA, 1983).

Migrar não se resume apenas a mudar de um lugar para o outro, ao decidir sair de seu lugar de origem, o migrante passa pelo processo de *desenraizamento* de suas relações sociais e tradicionais para então encontrar outras culturas, influenciar e ser influenciado por novos hábitos, configurando o que é inerente à experiência humana: deslocar-se no território. Entretanto, na sociedade capitalista, cujo predomínio das leis de mercado que sobrepõem às leis sociais, a migração assume um aspecto negativo para alguns migrantes. Por que para alguns migrantes? Em MARTINS (1998, p. 26) vemos que: “Por trás da palavra migração existe uma preocupação da maior importância, que é com o problema das migrações. Nem todos os migrantes são um problema social.” Para o autor, o problema não está em migrar, pois muitas pessoas migram, não porque foram forçadas, mas simplesmente porque migrar foi a melhor alternativa. A questão central que se coloca é sobre a maneira como esse migrante passa a se inserir no lugar de destino, ou seja, como e onde irá conseguir emprego e moradia, se terá enfim conseguido elevar sua qualidade de vida.

Para Martins (1998b, p.21), o capitalismo é responsável por desenraizar pessoas e torná-las meras portadoras da mercadoria força de trabalho

O que o faz o capitalismo, ao desenraizar pessoas, é transformá-las em proprietárias de uma única coisa: a sua força de trabalho. O desenraizamento do camponês não está simplesmente em sua expulsão da terra. É reduzi-lo à única coisa que interessa ao capitalismo, que a condição de vendedor de força de trabalho. [...] ele passa a ser um potencial vendedor de força de trabalho, a ser um trabalhador à procura de trabalho.

2.1 Tendências da migração e sua participação no desenvolvimento Urbano/Industrial em São Paulo

As migrações internas não constituem um fenômeno recente no Brasil, pois desde o século XIX juntamente com a imigração de europeus e asiáticos caracterizou o dinamismo e distribuição da população consolidando a produção agrícola e industrial, engendrando assim, transformações na economia nacional. Brito (apud LIMA et al. 2012, p. 1), divide os padrões migratórios em três grandes ciclos:

- (i) 1870-1930 – as migrações internas não realizadas plenamente;
- (ii) 1940-1980 – a expansão plena das migrações internas;
- (iii) 1980-1996 – a transição para um novo padrão.

Posto isto, procuramos nos ater nesta discussão apenas nos movimentos de concentração da população seguindo o enfoque deste trabalho que se trata especificamente de São Paulo como o maior absorvedor de mão-de-obra nos setores secundários e terciários.

2.1.1 Concentração industrial e migração no Estado de São Paulo

Até a segunda metade dos anos 1920 o Complexo Cafeeiro era o responsável pelo dinamismo da economia brasileira que se iniciava no modo de produção capitalista, possibilitando a expansão da oferta de mão-de-obra, a expansão ferroviária e o desenvolvimento da agricultura produtora de alimentos e matérias-primas (BRASIL, 1989, p.5).

Com a crise mundial de 1930 a economia do país inevitavelmente foi afetada pela crise do modelo agrário-exportador. Apesar de o setor cafeeiro entrar em colapso econômico, o lucro advindo da produção possibilitou a emergência de um novo padrão de acumulação baseado na produção industrial para a produção de bens de consumo no país, tendo em vista a redução das importações. Assim, nos anos 1930, o Brasil começava a dar os primeiros passos no processo de industrialização do país.

A Região Sudeste, principalmente os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro beneficiaram-se pela concentração de riquezas fruto da produção cafeeira. Dispondo de infraestrutura, energia, transporte e comunicação; rede bancária desenvolvida para as transações econômicas da produção de café; mercado consumidor; e mão-de-obra qualificada (imigrantes que já eram qualificados para o serviço fabril), reunia todas as condições favoráveis a organização industrial.

Sobre a formação do mercado de trabalho:

Não é difícil explicar o fenômeno: o café, o principal compartimento da economia paulista e também o maior empregador de força de trabalho, determinava a taxa de salário, que flutuava de acordo como seu movimento cíclico. Na expansão, ao promover um fluxo imigratório que excedia suas próprias necessidades, proporcionava um excedente de trabalhadores livres ao setor urbano. Na crise, não restava qualquer alternativa aos trabalhadores do café senão a de emigrar para as cidades, uma vez que os outros complexos exportadores eram incapazes de absorvê-los. (CANO, 1990, p.230)

Durante a crise do café, os trabalhadores se empregavam principalmente nas indústrias e ferrovias. A mão-de-obra desses setores era de imigrantes que trabalhavam nas lavouras de café e de migrantes vindos, sobretudo, da Região Nordeste que, não podendo sustentar sua pequena propriedade pela falta de recursos para dominar a seca e pela concentração fundiária predominante nessa região, encontrava na Região Sul oportunidade de melhorar de vida. Entretanto, o estado de São Paulo foi o que sempre ofereceu baixos salários.

Ainda:

Qualquer que tenha sido o motivo dessa migração interregional, o que importa destacar é que os maiores beneficiários foram, inquestionavelmente, os estados sulinos mais industrializados, principalmente São Paulo, onde maior parte dessa mão-de-obra nacional veio exatamente suprir o declínio imigratório externo na metade da década de 1920, não permitindo assim que a taxa de salário atingisse níveis mais altos do que os efetivamente alcançados. (Ibidem, p.231)

A diminuição dos fluxos imigratórios no país se deve, entre outros fatores, aos desdobramentos da crise econômica mundial, à intensa migração interna na Europa e às restrições impostas pelo governo brasileiro da Era Vargas entre 1930 e 1945, quando da criação da “Lei de Cotas” de 1934. Para promover políticas de nacionalização, o governo Vargas limitou a entrada de imigrantes com o objetivo de garantir a “integração étnica e capacidade física e civil do imigrante” (GERALDO, 2009, p.174).

Até 1950 o desenvolvimento econômico do país, foi fortemente influenciado pelo investimento estatal. Focados na formação das indústrias de base, especialmente nos ramos: siderúrgico, metalúrgico, petroquímico e de cimento. No governo de Juscelino Kubitschek houve a abertura da economia brasileira para os investimentos internacionais, com a entrada de montadoras de automóveis, como, por exemplo, Ford, Volkswagen, Willys e GM (General Motors). Estas indústrias instalaram suas filiais na região sudeste, principalmente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e ABC paulista (Santo André, São Caetano e São Bernardo). Assim, as oportunidades de emprego aumentavam ainda mais, atraindo trabalhadores de todo

o Brasil, contribuindo com o processo de êxodo rural e a migração de nordestinos e nortistas para a região sudeste.

A década de 1970 é caracterizou-se pela mudança nos padrões migratórios. Segundo Patarra (1983, p.50), os deslocamentos populacionais seguiram duas grandes tendências:

De um lado, as chamadas frentes de expansão, ou fronteiras agrícolas, e de outro lado, os movimentos em direção aos já grandes aglomerados urbanos ou metropolitanos; em outras palavras, movimentos de dispersão e concentração da população.

Verifica-se no decorrer da história que os fluxos migratórios nesse período passaram por um reordenamento da população no espaço. Não é o objetivo deste estudo analisar de forma aprofundada os *movimentos de dispersão*, mas julgamos pertinente comentar de modo sucinto a estratégia mal sucedida das frentes pioneiras dos anos 1970.

A partir da ocupação de terras por pequenos produtores, o Estado teve grande atuação ao incentivar a colonização da Região Norte e Centro-Oeste. O que resultou em uma tentativa fracassada, pois a não fixação da população deveu-se em grande parte pela penetração das grandes empresas, muitas delas estrangeiras, ligadas à atividade pecuária. No entanto, fluxos migratórios tenham simplesmente se extinguido em direção ao norte e centro-oeste, visto que, na referida década, a colonização dirigida centrou-se em Rondônia, sendo o estado que mais recebia migrantes, especialmente de sulistas. (PATARRA, 1983b).

Outro aspecto importante sobre as migrações é que elas assumem majoritariamente o padrão migratório rural-urbano.

Tabela 1: População rural e urbana 1940/1980

| POPULAÇÃO RURAL E URBANA 1940/1980 | | | |
|------------------------------------|-------------|------------|-------------|
| Ano | Pop. Urbana | Pop. Rural | Pop. Urbana |
| | (em 000) | (em 000) | (%) |
| 1940 | 12.880 | 28.356 | 31,2 |
| 1950 | 18.783 | 33.162 | 36,2 |
| 1960 | 32.005 | 38.988 | 45,1 |
| 1970 | 52.905 | 41.609 | 55,9 |
| 1980 | 82.013 | 39.137 | 67,6 |

Fonte: FIBGE - Censo Demográfico 1940 e 1970, e Censo Demográfico de 1980. Resultados Preliminares e Sinopse Preliminar do Censo Demográfico, Brasil.

Fonte: Patarra, 1983,p.62

O êxodo rural pode ser explicado pela modernização agrícola, sendo a principal causadora da expulsão de pequenos agricultores que passaram a morar nas cidades. As transformações no campo ocorreram para reafirmar a nossa herança baseada no latifúndio monocultor que perdura até os dias de hoje. Ao observar a Tabela 1 nota-se que foi justamente a partir dos anos 1970 que o processo de transição para áreas urbanizadas se intensifica, representando 55,9% do total da população.

Tabela 2: Crescimento Populacional e Migração Líquida das Regiões Brasileiras: (1970-1980)

| ASPECTOS DA DINÂMICA POPULACIONAL BRASILEIRA, 1970-80 | | | | |
|---|--------------------------------|--------------------|----------------------|----------------------------|
| Região ou Estado | Crescimento absoluto (em 000s) | % do aumento Total | Taxa de cresc. anual | Migração líquida (em 000s) |
| NORTE | 2.264 | 8,8 | 5,0 | 915 |
| Rondônia | 379 | 1,5 | 15,8 | 337 |
| Amazonas | 451 | 1,8 | 3,9 | 93 |
| Pará | 1.250 | 4,8 | 4,7 | 440 |
| NORDESTE | 6.706 | 26,0 | 2,2 | -(2.219) |
| SUDESTE | 11.855 | 45,9 | 2,6 | 2.546 |
| São Paulo | 7.247 | 28,1 | 3,5 | 3.540 |
| SUL | 2.512 | 9,7 | 1,4 | -(1.979) |
| CENTRO-OESTE | 2.472 | 9,6 | 4,0 | 736 |
| BRASIL | 25.809 | 100,00% | 2,5 | --- |

Fonte: FIBGE - Censo Demográfico 1940 e 1970, e Censo Demográfico de 1980. Resultados Preliminares e Sinopse Preliminar do Censo Demográfico, Brasil.

Fonte: ibidem, p.61

Em contrapartida, entre as décadas de 1970 e 1980, São Paulo (Tabela 2) configurou-se como o maior Estado receptor de migrantes, com uma taxa líquida de 3.540 migrantes.

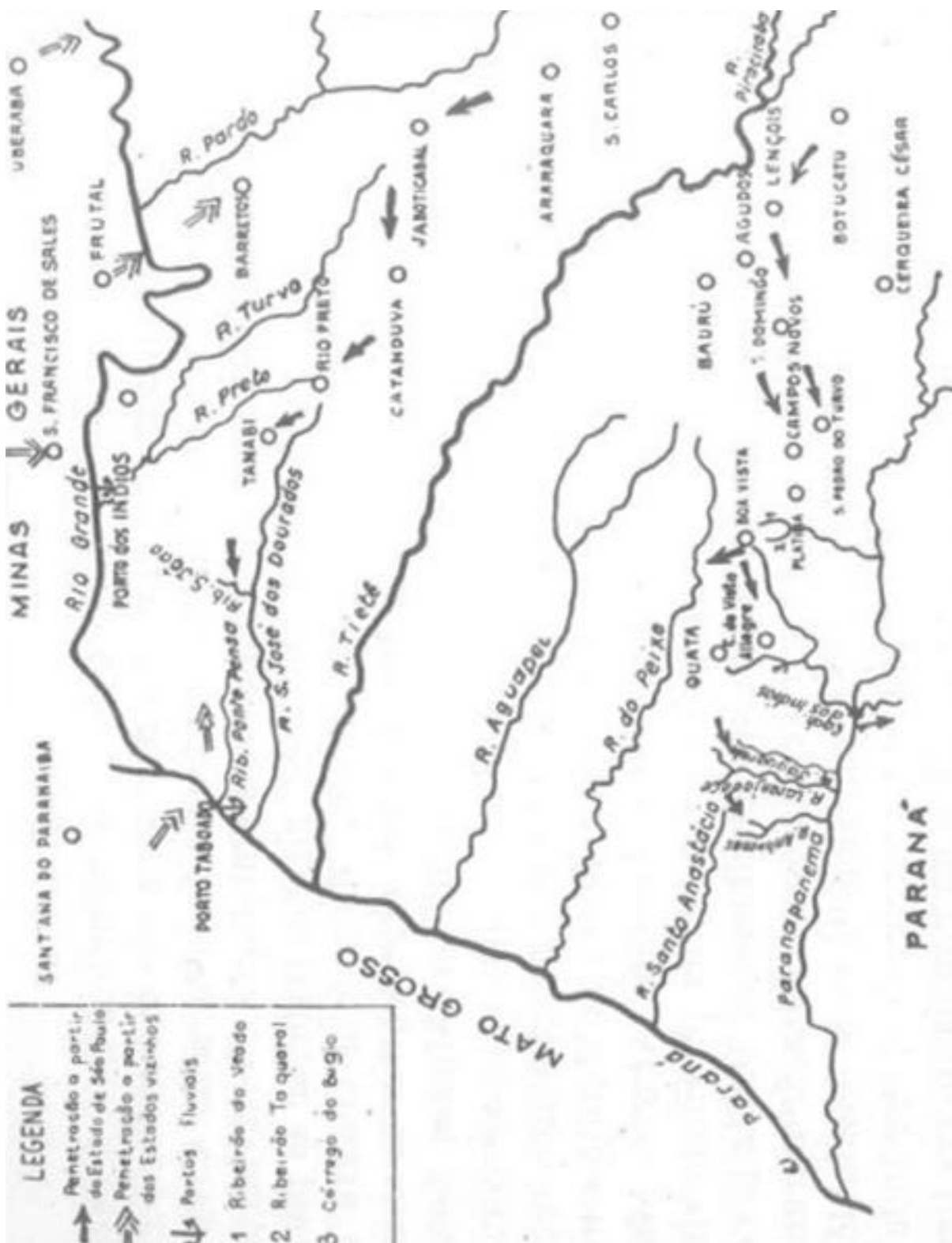
Observa-se nas Regiões Nordeste e Sul um saldo migratório negativo de migrantes, devido à estagnação econômica e a desigualdade econômica regional. Fez do nordeste uma região de expulsão, que se dirigiram a São Paulo em maior número, por esta ser uma cidade atrativa do ponto de vista econômico. Com relação ao saldo migratório negativo da Região Sul, explica-se pela intensa migração para Rondônia, conhecida como a marcha para o oeste do país, com o intuito de ocupar as fronteiras agrícolas.

2.1.2 Migração mineira em São Paulo

A trajetória dos migrantes mineiros em São Paulo deu-se na segunda metade do século XIX, vindos, sobretudo pela pobreza em que encontrava o estado de Minas Gerais acarretada pela decadência do ciclo da mineração. A Revolução Liberal de 1842, causando perturbações políticas no estado mineiro e por fim a Guerra do Paraguai (1864-1870) que convocava os mineiros para o alistamento militar, foram as principais causas da emigração, levando-os a encarar os riscos da vida no sertão paulista ou dirigir-se para os cafezais já consolidados. (MONBEIG, 1984).

Entre os municípios que ajudaram a povoar entre 1850 e 1892, estão: No Centro-Leste de São Paulo: Casa Branca, Mogi- Mirim, Mogi- Guaçu, Limeira, Araras. Mais ao norte do estado: Batatais, Franca e Barretos. Passando por Botucatu, Araraquara, etc.

Figura 1: Penetração de mineiros no Estado de São Paulo, início do século XIX



A respeito da influência dos mineiros nas zonas pioneiras de expansão do interior paulista, Monbeig (.(1984b, p. 137) comenta que:

A diferença do povoamento índio, essa fase mineira teve consequências diretas e fortes sobre a grande vaga do café. Malgrado tudo que distingue esses criadores de gado dos seus sucessores imediatos, os plantadores, aqueles que abriram a estes caminhos, inaugurando os espigões; suas estradas vieram a ser seguida; os núcleos de povoamento que fundaram serviram de ponto de apoio e a prática da pecuária pioneira jamais desapareceu completamente. Por outro lado, os mineiros deixaram descendência: seus filhos puderam reencetar os avanço, à aproximação dos plantadores de café, como fizera e, Ribeirão Preto, em São Pedro do Turvo e em Campos Novos; constituíram, portanto, as famílias tradicionais da zona pioneira. Enfim, os mineiros detinham os títulos de posse do solo. Para tornar-se alguém proprietário, epra preciso tratar ou lutar com eles.

2.1.3 Modificações socioespaciais: expansão da indústria paulista em direção ao interior

A RMSP, até a década de 1970, foi a principal receptora de fluxos migratórios em virtude do alto grau de concentração das atividades industriais. No entanto, a partir da mencionada década, transformações na estrutura produtiva promoveram a redefinição das distribuições populacionais, fazendo com que a RMSP experimentasse não apenas uma redução na participação do PIB da produção industrial, como a perda de migrantes para outras Regiões Administrativas do entorno: Vale do Paraíba, Sorocaba, Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, São José do Rio Preto, Araçatuba, Presidente Prudente e Marília.

Leoncioni (2003) se refere ao processo de separação entre planta industrial da gestão empresarial, como *cisão territorial*, na qual o “chão da fábrica” onde se concentra a produção propriamente dita, se localiza em municípios distintos e o centro de tomada de decisões, concentra-se em locais cuja infraestrutura de tecnologia e informação o coloca em posição comando para organizar a demanda pelos produtos. Tal prática é uma estratégia territorial que as empresas encontraram para, de modo genérico, otimizar sua produção, ou seja, diminuir gastos e aumentar os lucros, viabilizados por políticas de incentivo, isenções fiscais, concessões de terrenos para a instalação das fábricas com infraestrutura adequada, e sobretudo, para elevar a quantidade de empregos.

Segundo a autora, a expressão “interiorização da indústria” deve ser acompanhada do adjetivo “recente” ao se referir à década de 1970:

A presença da indústria no interior do Estado não é uma novidade [...]. Historicamente, a indústria paulista, desde sua gênese, esteve presente no interior, haja vista que no final da década de 1920, cerca de 30% da produção industrial paulista era proveniente do interior, sobretudo das regiões de Sorocaba e de Campinas, que concentravam 21,2% dos operários do Estado de São Paulo (cf. Seade, 1988; Suzigan, 1986 apud LENCIONI, 2003, p.466).

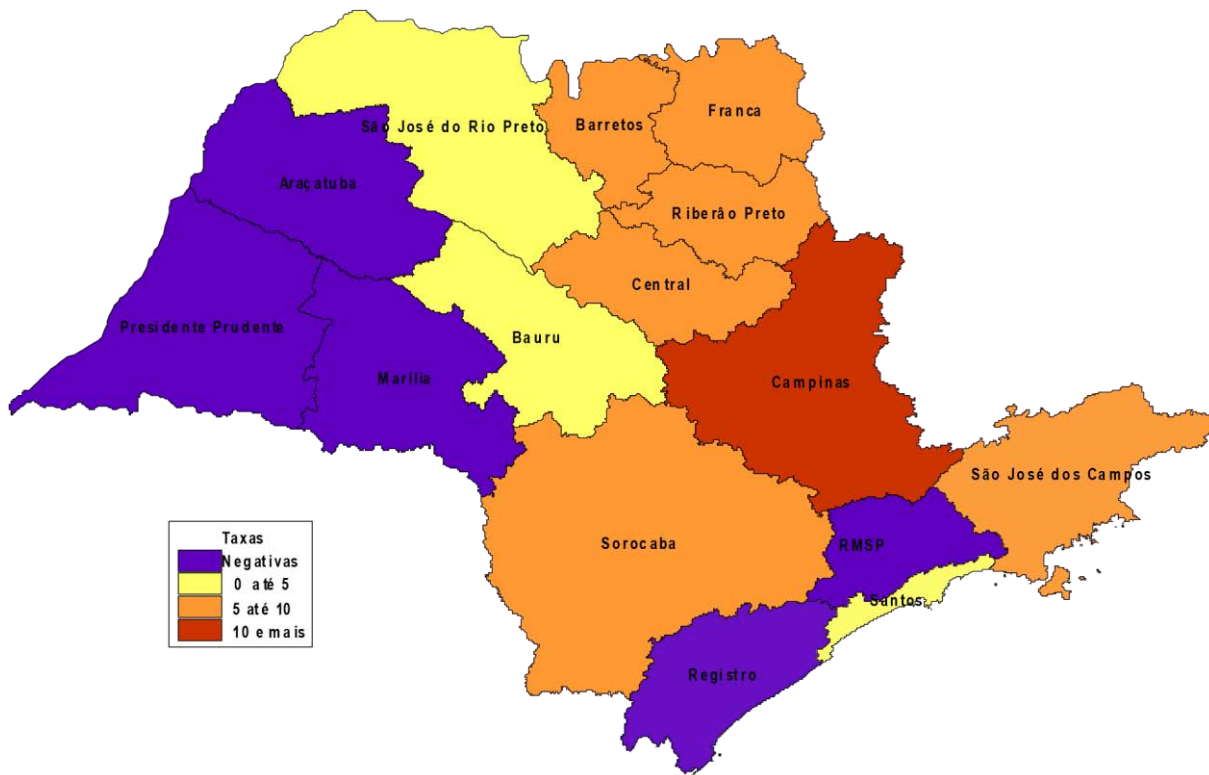
Concordamos com a autora ao analisar que a produção industrial não se iniciava nos anos 1970, pois como abordaremos mais adiante, o município de Rio Claro já na segunda metade do século XIX, contava com pequenas indústrias ocupadas com a produção de bens consumos não duráveis, marcando a primeira fase de industrialização denominada de Fase Pioneira. Não ocorreram apenas mudanças socioespaciais, mas mudanças na base produtiva, cujo modelo predominante pertence à produção de bens de consumo não duráveis, passando, então, para a produção de bens intermediários, bens de capital e consumo duráveis, reforçada pela produção agrícola.

É preciso salientar que a RMSP não perdeu o seu dinamismo econômico com a perda populacional, e continua a ser o centro de decisões do país no cenário financeiro. Lencioni (ibidem, p. 467) ressalta que, o papel da metrópole foi ampliado para o interior paulista e seria um equívoco interpretar o processo de industrialização fora da região metropolitana como um processo de descentralização, o que houve foi um espraiamento industrial que não resultou na perda de hierarquia da RMSP.

O primeiro equívoco reside na interpretação de que estamos diante de um processo de descentralização industrial decorrente da chamada interiorização da indústria. Não há nada de descentralização industrial, porque em primeiro lugar, a cidade de São Paulo, bem como a região metropolitana, constitui o principal centro não só do Estado, mas também do país. Em segundo lugar, porque a ideia de descentralização supõe a existência de pelo menos dois centros: o primeiro relativo ao que perdeu posição de centro e, o segundo, ao que ganhou posição de centro. Assim, com essa ideia de dois centros, poder-se-ia pensar que houve uma reversão do polo industrial, agora localizado fora da cidade de São Paulo.

Tal processo desencadeou mudanças nos fluxos migratórios que passaram a ocupar as regiões do entorno do região metropolitana. A partir da década de 1980 (Figura 2), a taxas anuais de migração diminuem na RMSP e aumentam principalmente na Região Administrativa de Campinas.

Figura 2: Taxas anuais de migração (por mil habitantes): Regiões Administrativas do Estado de São Paulo 1980/1991

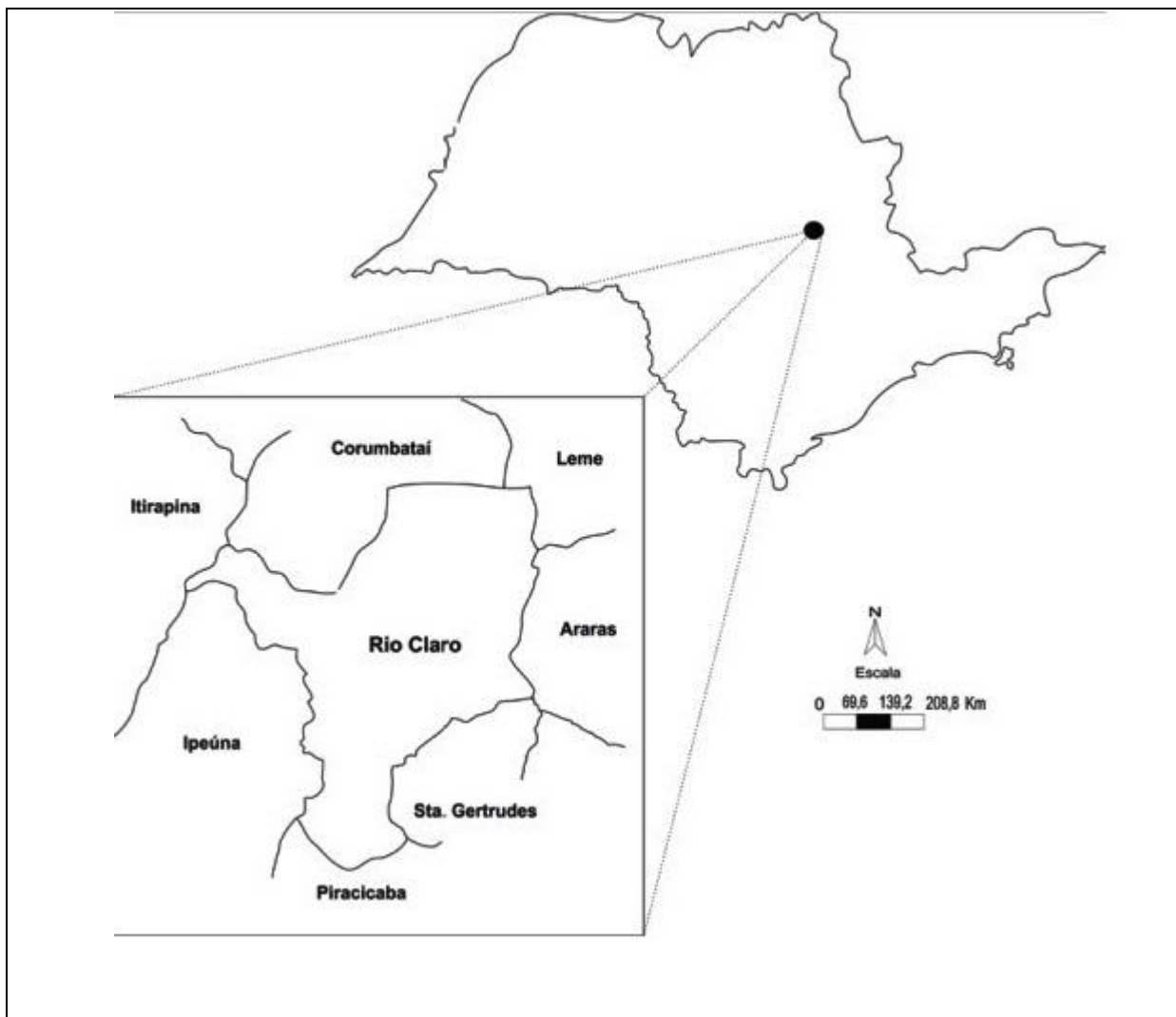


Fonte: Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE)
Fonte: Perillo, 2002

2.2 Processo de industrialização em Rio Claro, SP

Rio Claro está localizado na porção Centro – Leste do estado de São Paulo, com uma área de 499 km², fazendo divisa com os municípios: Corumbataí, Leme, Piracicaba, Araras, Santa Gertrudes, Ipeúna e Itirapina. A população estimada no Censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística era de 186.253 habitantes, em 2015 a população estimada é de 199.961 habitantes, apresentando um crescimento de 6,8% ou 13708 habitantes. O município faz parte da Região Administrativa de Campinas.

Figura 3: Localização de Rio Claro (SP)



Fonte:Maia, 2010, p.105

Com relação ao processo de industrialização do município de Rio Claro-SP, pode-se analisar de acordo com as três fases elaboradas por Sampaio (1992, apud TROPMAIR, p.43):

- Fase Pioneira;
- Fase Tradicional;
- Fase Dinâmica

A fase I ou pioneira, se inicia em 1873 e se finda em 1929. O que caracterizou esta fase foi basicamente o uso de tecnologias rudimentares para atender a demanda local na

fabricação de produtos de consumo não durável e em pequenos estabelecimentos, ou ainda exercendo atividades metalo-mecânicas, para o segmento ferroviário. Essas atividades foram possibilitadas pelo capital advindo da produção cafeeira em ascensão em 1850, responsável por aquecer a economia brasileira

A expansão cafeeira foi responsável por uma série de mudanças no cenário socioeconômico paulista, visto que, permitiu a acumulação capitalista e a formação de excedente passível de ser investido na indústria e nas demais atividades, tais como, comércios, bancos e nas ferrovias. Outro fato notável e de grandes transformações para acrescentar a conjuntura econômica e social de São Paulo, foi a chegada de milhares de imigrantes europeus que vieram trabalhar nas lavouras e/ou no setor industrial, o que segundo Sampaio, vieram para “contribu para a formação de um mercado interno de trabalho assalariado, assim como para o alargamento do restrito mercado de consumo.” (SAMPAIO, 2012, p.134). Aliado a estes dois aspectos, a produção deste grão, estimulou a expansão dos núcleos urbanos, contando com extensa malha ferroviária para escoamento da produção. E nesse contexto, Rio Claro se destacou como um dos pioneiros em produção e exportação de café, segundo Troppmair (2008, p.44)

[...] a acumulação e a reuplicação de capitais em muitas cidades paulistas fez com que os imigrantes se tornassem “burgueses” (Matarazzo, Jafet, Crespi, Simonsen) que demonstram interesse em investir na indústria a partir de 1880. A nível local aturam os mesmo elementos: a burguesia cafeeira, os agentes de importação e exportação, o imigrante aqui simples trabalhador ou, quando muito, pequeno capitalista.

Pode-se observar que o primeiro “registro histórico” em Rio Claro de fluxo migratório em larga escala foi de imigrantes italianos, portugueses, alemães, entre outros.

Outro setor em que Rio Claro se inseriu com êxito foi no ramo da produção de materiais de construção (cal, telhas e tijolos), no que posteriormente se tornaria o polo cerâmico abrangendo Rio Claro, Santa Gertrudes e Cordeirópolis.

Em sua segunda fase, ou fase tradicional, Rio Claro foi caracterizada pela tímida iniciativa industrial, tendo relativa importância os capitais de origem local em detrimento dos capitais externos ao município. Neste período, as indústrias existentes eram do ramo alimentício, químico, têxteis e de calçados. De forma resumida, ainda não havia de maneira

acentuada a instalação de indústrias motrizes, o que segundo Sampaio (2012) o termo entende-se por:

[...] indústria motriz e ramo motriz como aqueles que têm efeitos de aglomeração e multiplicação ao reunir ou provocar o aparecimento de atividades complementares, que lhes fornecem matéria-prima industrializada, peças e equipamentos ou consomem seus produtos (enquanto ramos tradicionais não possuem essas propriedades).(ibidem, p.158)

O que de fato iria reverter o desempenho econômico de Rio Claro, foi o surgimento da terceira fase, ou fase dinâmica das indústrias iniciada em 1970, quando o cenário industrial de Rio Claro começa a ser dinamizado a partir da criação do Distrito Industrial, com o objetivo de atrair capital externo e indústrias de outros lugares. Localizado na porção norte do município, entre os Rios Corumbataí e Ribeirão Claro, o Distrito Industrial recebeu diversas facilidades e incentivos fiscais, tais como doações de terrenos, isenção de imposto predial e territorial, fornecimento de água e canalização de esgoto, tornando o espaço atrativo e vantajoso para a instalação das fábricas no município.

Desde então, o município de Rio Claro se transformou e se consolidou como importante centro industrial. Atualmente:

Existem 596 empresas (2003) com produção de fibras de vidro, tubos e conexões de PVC, produtos de linha branca (fogões geladeiras e máquinas de lavar), produtos alimentares, produtos de alimentação animal, cerâmicos, instrumentos cirúrgicos e médico-hospitalares. Várias indústrias exportam seus produtos como materiais plásticos, pisos e cerâmicas, balas e pigmentos metálicos. [...] Hoje o parque industrial rio-clarense é responsável por 56% da economia municipal. (TROPPMAIR, ibidem, p. 49 e 50)

A terceira fase foi a porta de entrada para o aumento do número de estabelecimentos de porte grande e médio. Com complexidade técnica e diversidade produtiva. Neste momento histórico rio-clarense a industrialização se articulou ao cenário em escalas mundial, nacional e regional, evidenciando a internacionalização do sistema industrial capitalista, a integração brasileira a este sistema e a desconcentração espacial da indústria em território paulista. (SAMPAIO, ibidem). Deste modo, Rio Claro necessitou passar por um acelerado desenvolvimento econômico, incentivado pelo poder local. O então governador Álvaro Perin, definiu políticas de estímulo a industrialização, tais como: incentivos fiscais, isenções de impostos e a criação do Distrito Industrial, em 1970. Estas medidas dotaram o município de maior poder de atração e aceleração do ritmo da industrialização.

Concomitante a esta fase de expansão das indústrias em Rio Claro, e atendendo a lógica capitalista de obter expressivo contingente de mão-de-obra para desempenhar funções especializadas em suas unidades produtivas, os fluxos migratórios em direção às cidades médias se intensificam.

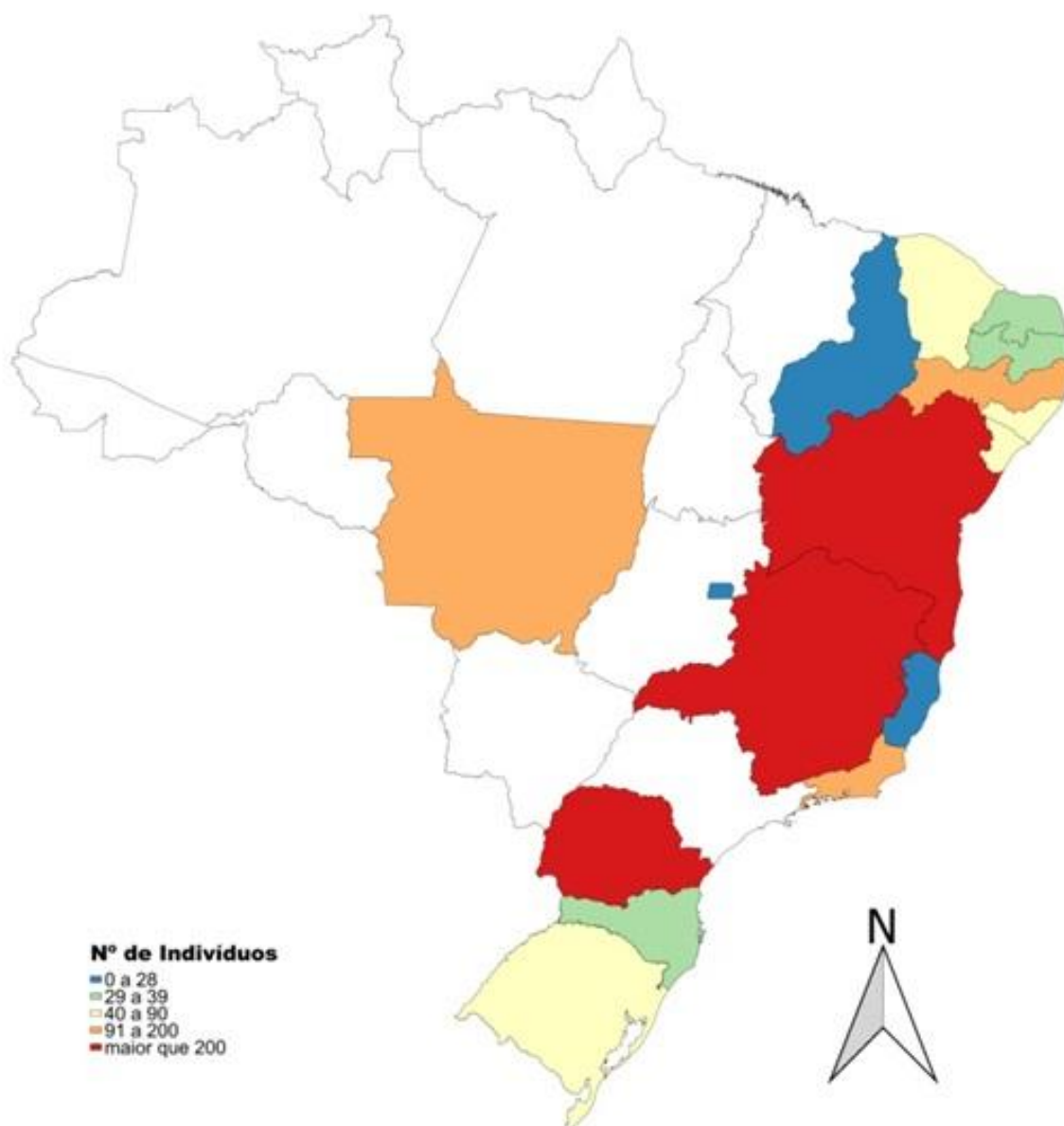
Com essa contextualização do cenário da instalação das indústrias em Rio Claro, buscando apresentar de maneira breve o panorama geral da formação econômica até a década de 1970, entramos neste momento para a área em que desejamos nos aprofundar: compreender como se dá o processo de migração interna, em cidades que são complexos industriais. Pois como salienta Marin (1978, p.106), “as correntes migratórias tendem a procurar centros mais desenvolvidos que o de origem”.

2.3 Rio Claro no contexto da migração

Na década de 1970, especialmente em Rio Claro, a migração se tornou mais intensa devido à aceleração do processo de desenvolvimento industrial e comercial que se verificava no município.

A maioria dos migrantes para Rio Claro teve como destino a área urbana, enquanto uma parte bem menor se localizou na zona rural. Estudos da década de 1970 apontam que 80% da migração no município eram do tipo urbano-urbano, enquanto que a do tipo rural-urbano foi de 20% (MARIN, *ibidem*). Assim, o modelo de migração caracterizado em Rio Claro de modo geral é no sentido campo-cidade.

Figura 4: Estado de origem e número de indivíduos migrantes com destino a Rio Claro (Sp) na década de 1970



Fonte: Censo Demográfico,
Fonte: MARIN, 1978, p. 110
Orientado por: Prof. Dr. Paulo R. T. de Godoy
Organizado pela autora
Desenho: Leonardo Mendes

Em estudo realizado na década de 1980, em três bairros de Rio Claro (CECAP, São Miguel e Parque São Jorge), muitos dos migrantes daquela época tinham um passado rural. De acordo com Zavaglia et al. (1982, p. 30):

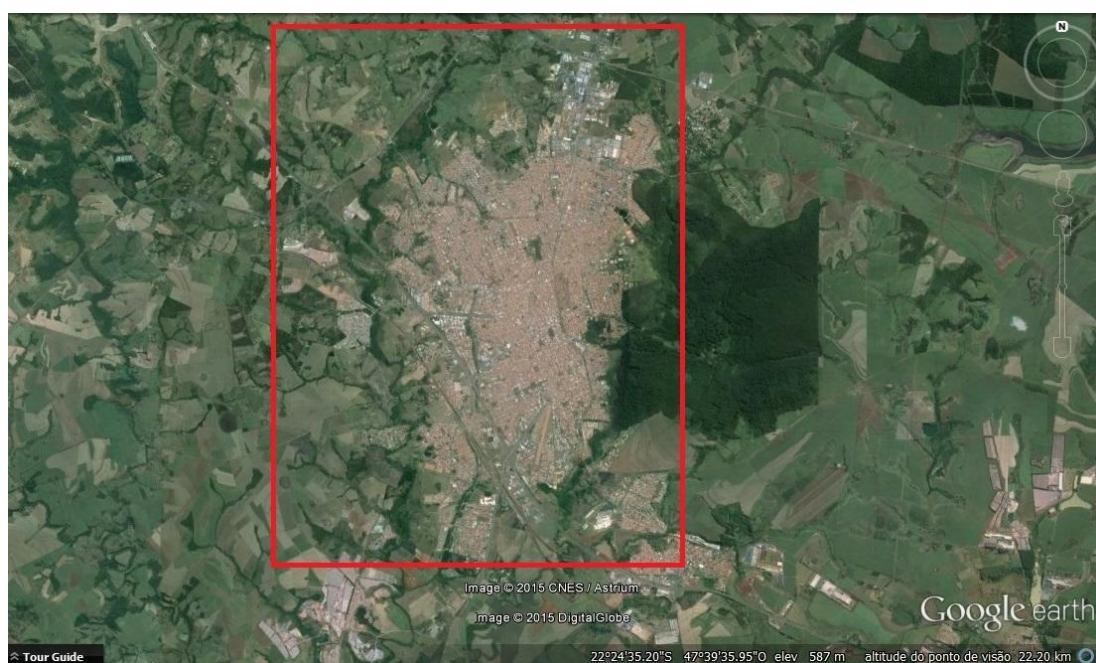
Observamos em Rio Claro, que anteriormente, ou seja, antes de migrarem para Rio Claro, cerca dos 45% dos entrevistados mudaram de atividade profissional, e atualmente na área urbana se empregam como vendedores ambulantes (sorveteiros, vendedores de enxovais, pipoqueiros), consertador de guarda-chuva, empregadas domésticas, polidores de carros, soldadores autônomos, motoristas, pedreiros, e ajudantes em geral, eletricitas, etc. [...] nem todos os trabalhadores acima citados são registrados conforme a legislação trabalhista.

A expansão capitalista não só cria a especialização das atividades do setor industrial, mas pela desigualdade econômica e social que emerge da contradição deste próprio sistema, deixa muitos desempregados que buscam no subemprego uma alternativa de sobrevivência.

3. JARDIM PROGRESSO: UMA EXTENSÃO DO BAIRRO PARQUE SÃO JORGE

O bairro Jardim Progresso está localizado na porção noroeste do município de Rio Claro, próximo dos bairros Parque São Jorge e Residencial das Flores e da rodovia Wilson Finardi que dá acesso ao município de Araras. Grande parte dos bairros surgiu na década de 1970, coincidindo com a interiorização da indústria. Assim, a malha urbana se expandiu praticamente em todas as direções, configurando o processo de periferização.

Figura 5: Imagem de satélite da zona urbana de Rio Claro, SP



: Google Earth, disponível em: <<http://www.googleearth.com.br>> Acesso em 07 Ago 2015. Modificado pelo autor.

Fonte

Figura 6: Imagem de satélite dos bairros Parque São Jorge e Jardim Progresso



Fonte: Fonte: Google Earth, disponível em: <<http://www.googleearth.com.br>> Acesso em 07 Ago 2015. Modificado pelo autor.

Implantado em 18/10/1994, o bairro é uma extensão do Parque São Jorge, que foi regularizado em 23/11/1981 (FILENI, 2004, p.114). Antes da implantação do bairro Jardim Progresso, só existia o bairro Parque São Jorge. Este foi ocupado clandestinamente (não regularizado), principalmente por trabalhadores rurais que migraram a Rio Claro para o trabalho no corte de cana. Segundo Zavaglia (1982, p.73), a ocupação do bairro se deu da seguinte maneira:

Já o bairro do São Jorge é bem mais pobre, e, constitui-se em sua maioria, por migrantes do próprio estado e de outras regiões do país. Esses moradores são em sua maioria cortadores de cana e empregadas domésticas. Este bairro é considerado pela administração local como clandestino; assim, os moradores tem a posse de suas casas (paredes e teto); enquanto o terreno é de propriedade de um especulador imobiliário, cujo apelido é “turco”, denominação esta feita pelos próprios moradores do local.

O bairro conta com iluminação instalada, logradouros pavimentados, coleta de resíduos sólidos e transporte público. Existe ali um pequeno comércio local que atende a

população deste e dos bairros próximos, pois a Rua 6 separa os bairros Parque São Jorge e Jardim Progresso.

De acordo com seus moradores, o bairro Jardim Progresso, se caracteriza pela concentração de migrantes vindos do norte do estado de Minas Gerais. Foram entrevistados 20 moradores do bairro Jardim Progresso, entre os quais 30% (ou 6 entrevistados) são mulheres e 70% são homens (14 entrevistados) entre 25 a 40 anos de idade.

3.1 Caracterização dos municípios mineiros

Os municípios de origem dos entrevistados são em grande parte do norte de Minas Gerais, sendo dois entrevistados nascidos em municípios do nordeste mineiro. Ao perguntar em qual município nasceram, os norte mineiros se referiram a “região de Monte Azul”, que compreende os municípios de Catuti, Espinosa, Gameleiras, Governador Valadares, Monte Azul, Mato Verde,Porteirinha e Mamonas (Mamonas foi suprimido da tabela, por não haver nenhum migrante entrevistado natural do município). Entre todas as localidades do entorno, Monte Azul exerce a maior centralidade sobre os demais, apresentando o mercado central e o Banco do Brasil, além da estação ferroviária. (MAIA, 2010, p.65)

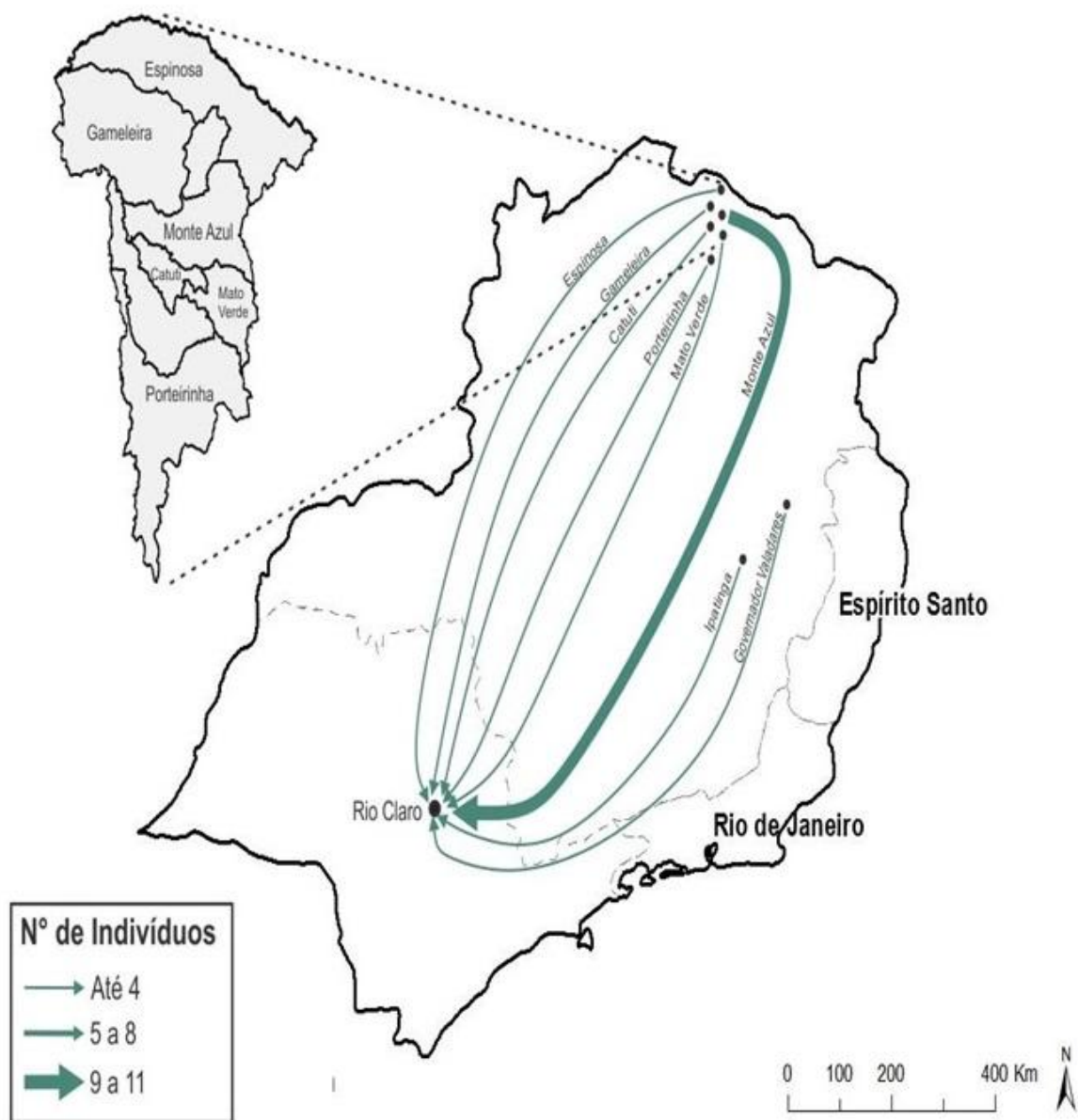
Tabela 3: Número de habitantes e áreas dos municípios estudados

| Município | Nº Habitantes | Área (km²) |
|----------------------|----------------------|-------------------|
| Catuti | 5.174 ¹ | 287, 812 |
| Espinosa | 32.151 ¹ | 1.868,970 |
| Gameleiras | 5.139 | 1.733,203 |
| Governador Valadares | 263.689 | 2.342,319 |
| Ipatinga | 257.345 ¹ | 164,884 |
| Monte Azul | 21.994 | 994,231 |
| Mato Verde | 12.684 | 472,245 |
| Porteirinha | 37.627 | 1.749,683 |

Fonte: Fundação Brasileira de Geografia e Estatística – IBGE Cidades. Disponível em:
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>

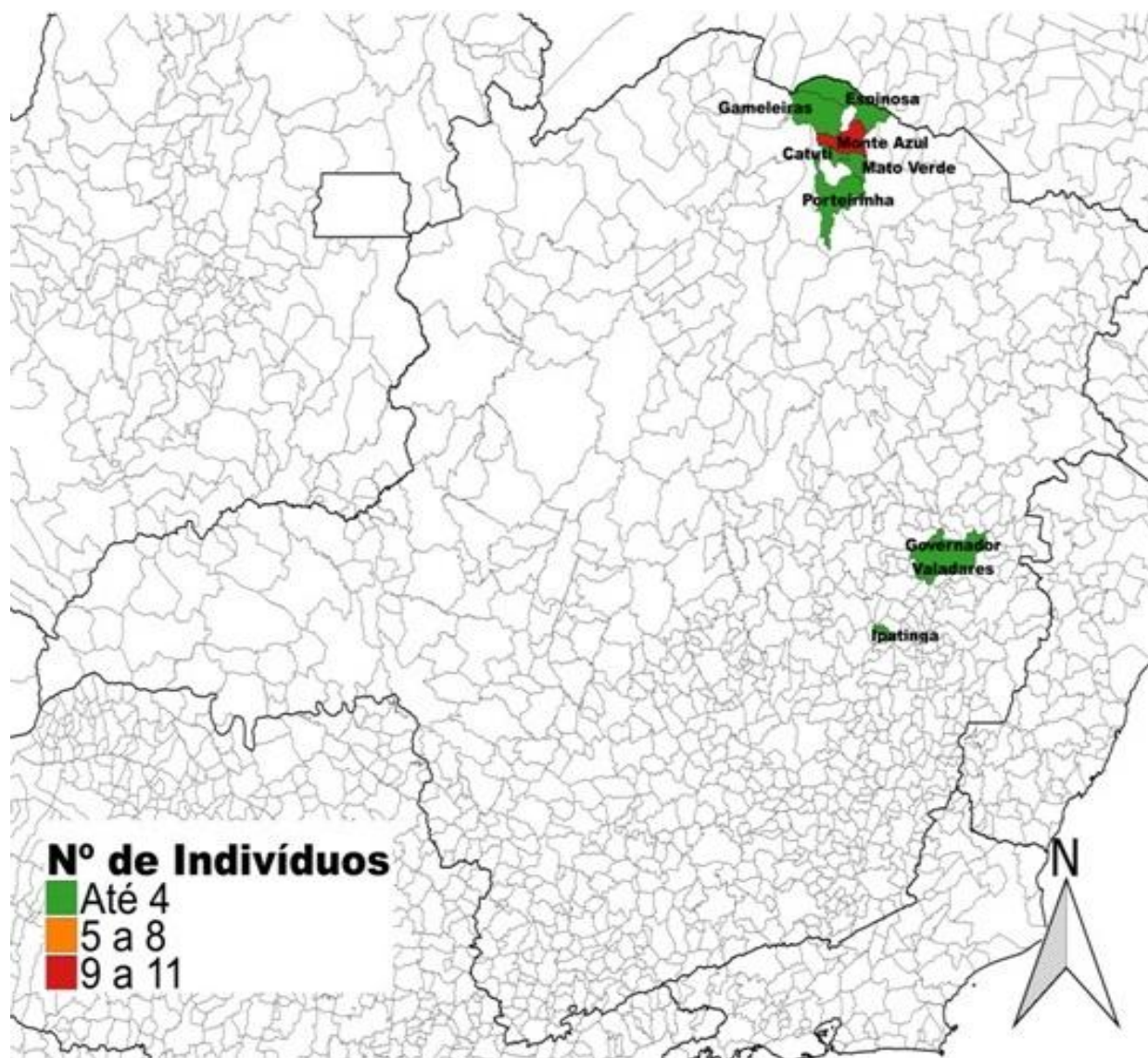
Nota ¹: As estimativas populacionais dos municípios de Catuti, Espinosa e Ipatinga são para o ano de 2015

Figura 7: Mapa de fluxos migratórios segundo os municípios de origem e o município de Rio Claro, SP



Orientado por: Paulo R. T. de Godoy
Organizado pelo autor
Desenho: Rubens Suzuki

Figura 8: Localização dos municípios de origem dos entrevistados



Orientador: Prof. Dr. Paulo R. T. de Godoy
Organizado pelo autor
Desenho: Leonardo Mendes

De modo geral, os municípios de origem dos migrantes são predominantemente rurais (incluindo o município de Mamonas), onde 37% representam a população urbana e 63% a população rural (WANDERLEY, 2001 apud MAIA, 2010).

Tabela 4: População dos municípios norte mineiros estudados

| Município | 1970 | | 1980 | | 1991 | | 2000 | | 2007 | |
|------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------|
| | Urbana | Rural | Urbana | Rural | Urbana | Rural | Urbana | Rural | Urbana | Rural |
| | Total | | Total | | Total | | Total | | Total | |
| Catuti | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 2.900 | 2.438 | --- | --- |
| | --- | | --- | | --- | | 5.338 | | 5.303 | |
| Gameleiras | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 855 | 4.417 | --- | --- |
| | --- | | --- | | --- | | 5.272 | | 5.226 | |
| Mamonas | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 1.784 | 4.346 | --- | --- |
| | --- | | --- | | --- | | 6.130 | | 6.247 | |
| Mato Verde | 4.035 | 9.938 | 5.736 | 11.174 | 8.811 | 11.129 | 3.834 | 13.158 | --- | --- |
| | 13.973 | | 16.910 | | 19.940 | | 16.992 | | 12.664 | |
| Monte Azul | 6.170 | 21.274 | 12716 | 22153 | 17979 | 19727 | 11.467 | 12.260 | --- | --- |
| | 27.444 | | 34869 | | 37706 | | 23.727 | | 22.437 | |
| Total | 10.205 | 31.212 | 18.452 | 33.327 | 26.790 | 30.856 | 15.301 | 25.418 | --- | --- |
| | 41.417 | | 51.779 | | 57.646 | | 40.719 | | --- | |

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Fonte: Maia, 2010, p.66

O cultivo das lavouras destes municípios é de: algodão, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, milho, soja, sorgo e triticale. Quanto a pecuária, destina-se: aquicultura (tilápias, tucunarés, trutas etc.); bovinos; bubalinos; caprinos; galináceos; equinos; ovinos; produção de lã e mel; casulos do bicho-da-seda, entre outros. (IBGE, 2014).

Já os municípios de Ipatinga e Governador Valadares pertencem à mesoregião do Vale do Rio Doce. Ipatinga destaca-se no setor secundário principalmente no ramo de siderurgia com a produção de estruturas metálicas, máquinas pesadas e vagões de trens. O PIB municipal arrecadado é de 2.664.623 mil reais (valor adicionado bruto da indústria). Em segundo lugar, destaca-se o setor terciário no qual o PIB municipal correspondente a 1.992.439 mil reais vem de prestações de serviços. Ainda, o centro comercial conta com grandes lojas, como as Lojas Americanas, Ponto Frio, Marisa e o famoso Shopping do Vale do Aço. Menos relevante é o setor primário, cujo PIB corresponde a 1.299 mil reais provenientes da agropecuária. (PREFEITURA MUNICIPAL DE IPATINGA, 201-?).

Em Governador Valadares, o setor primário tem menor importância (PIB de 32.525 mil reais – valor adicionado bruto da agropecuária). Na lavoura permanente, produz principalmente banana e coco-da-baía, e na lavoura temporária, arroz, batata-doce e cana-de-

açúcar. O setor secundário (PIB municipal: 365.528 mil reais) é constituído de pequenas e médias empresas, instalado no Distrito Industrial misto, a oeste do município. Por fim, o setor terciário é o destaque no município, com centro comercial semelhante ao de Ipatinga: GV Shopping, Ponto Frio, Marisa e McDonalds, movimentando a economia local (1.819.332 mil reais do PIB). (PREFEITURA MUNICIPAL DE GOVERNADOR VALADARES, 201-?).

3.2 Outros municípios receptores

Alguns migrantes entrevistados não tiveram Rio Claro como o primeiro destino, 9 entrevistados migraram para outros municípios e Estados antes de se fixarem em Rio Claro. O restante (11 entrevistados) se deslocou diretamente para Rio Claro.

Quadro 1: Trajetória dos migrantes entrevistados antes de chegarem ao município de Rio Claro

| Municípios de destino do Estado de Minas Gerais | Municípios de destino do Estado de São Paulo | Outros Estados ou Municípios de destino |
|---|--|---|
| São José Safira | Arthur Nogueira | Paraná |
| Poiaia | Bauru | Vitória da conquista – Bahia |
| Gameleiras | Santo André | Pará |
| Espinosa | Santa Fé do Sul | ----- |
| Janaúba | ----- | ----- |

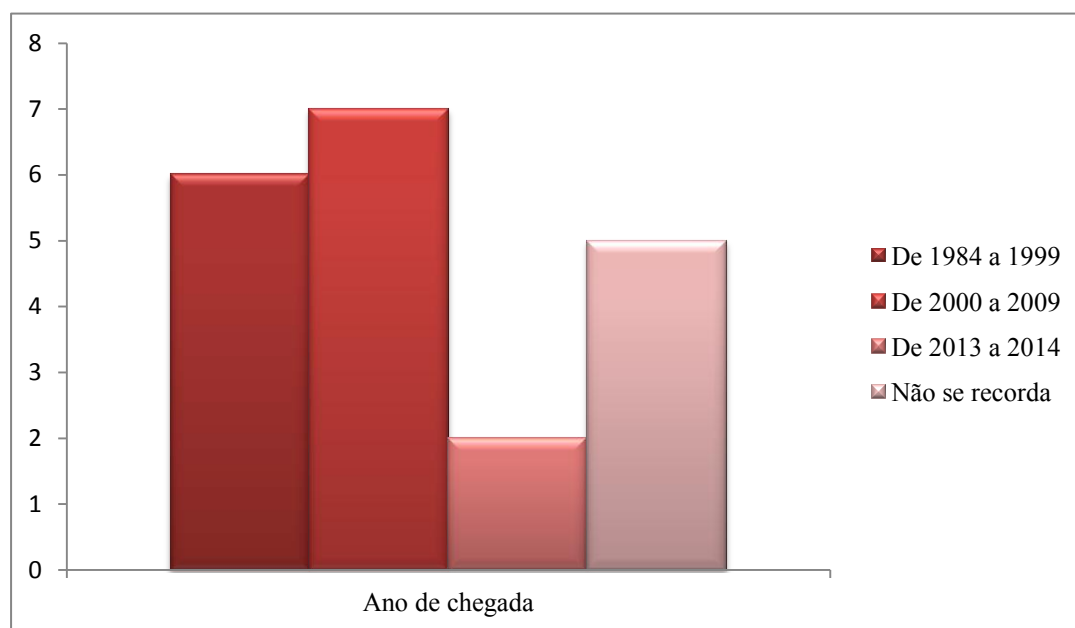
Fonte: Elaborado pelo autor

Notas: Considerou-se 9 dos 20 entrevistados da tabulação da base de dados levantada.

3.3 Ano de chegada e possíveis causas de emigração

Com relação ao ano de chegada dos entrevistado a Rio Claro 30% chegaram entre os anos 1984 e 1999 e 35% entre os anos 2000 e 2009.

Figura 9: Ano de chegada em Rio Claro



Fonte: Elaborado pelo autor

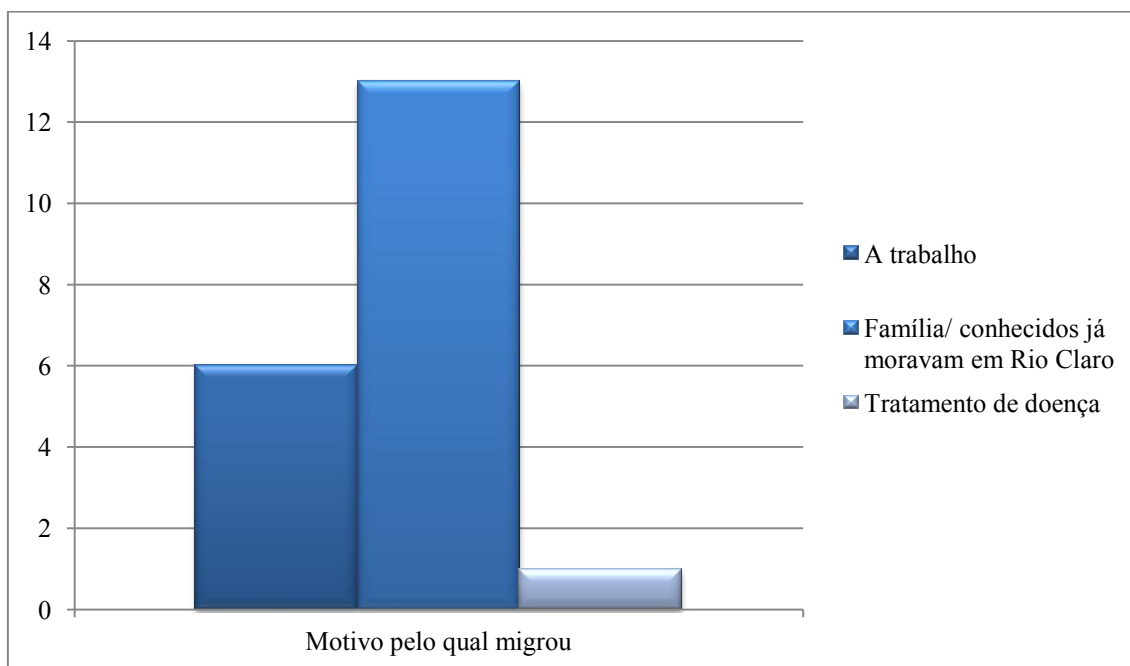
Entretanto, ao agrupar os migrantes na categoria ano de chegada, se corre o risco de generalizar as motivações em migrar e ocultar as causas endógenas no município de origem que incentivou a emigração. Portanto, além do Gráfico 2, consideramos apresentar de forma mais detalhada que: 2 entrevistados de Catuti chegaram nos anos 2002 e 2014; o único entrevistado de Espinosa chegou em 2009; o único entrevistado de Gameleiras não soube dizer o ano em que chegou em Rio Claro; o único entrevistado de Ipatinga, chegou em 2006; os 11 entrevistados de Monte Azul entre as décadas de 1980 - 2000, dos quais, 2 entrevistados não se recordam do ano de chegada; e entre os dois últimos entrevistados, um deles declarou chegar em 2013 e o outro não se recorda.

Para os entrevistados do norte de Minas Gerais, os motivos para a migração, além da busca por melhores empregos, são majoritariamente por questões endógenas. Em um estudo realizado com mineiros dos mesmos municípios estudados nesta pesquisa, Maia (2010, p.67),

aponta que houve um pico migratório para a região sudeste na década de 1990, por conta de fatores endógenos – como crise na lavoura de algodão– e exógenos – pelo período de recessão da economia brasileira.

Por serem regiões muito próximas, a circulação de pessoas e informações entre os municípios faz com que Rio Claro e região fiquem conhecida pelas oportunidades de emprego para os que querem deixar a vida de trabalho na lavoura. Boa parte dos entrevistados disse ter posse de pequenas propriedades rurais e que deixaram parte da família na cidade de origem. Tais fatores podem ser compreendidos como motivações para emigração dos anos 2000 em diante.

Figura 10: Motivo pelo qual migrou para o município de Rio Claro



Fonte: Elaborado pelo autor

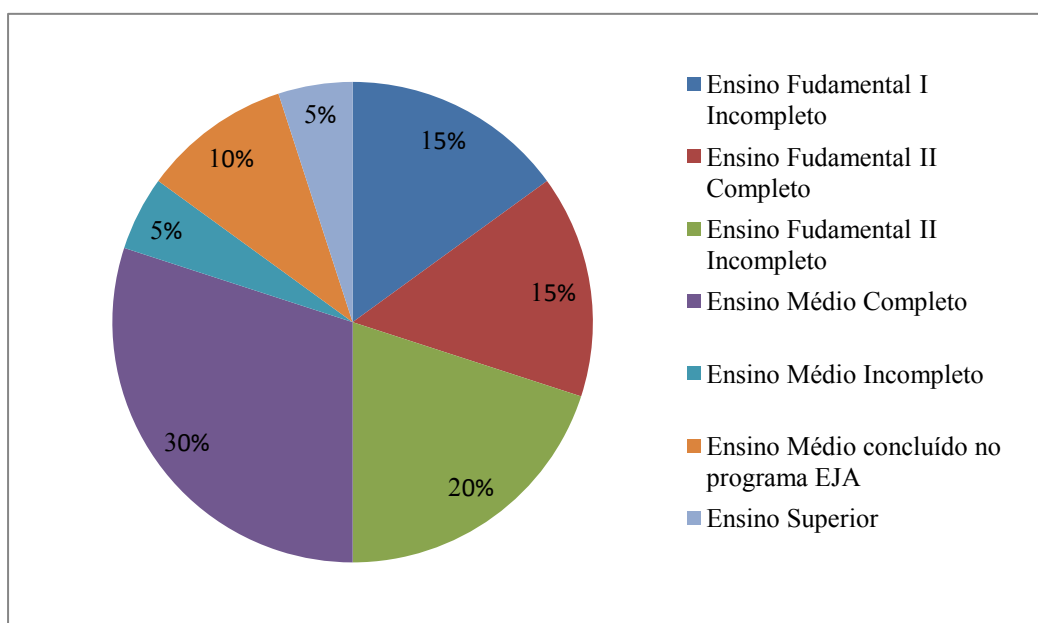
Os 13 entrevistados que responderam já ter família ou conhecidos morando em Rio Claro não se referiram a família completa (pai, mãe e irmãos), mas sim, a irmãos mais velhos e primos que vieram antes. Entretanto, responder apenas que migrou porque a família já residia no município de destino, acaba por omitir que, assim como os 6 entrevistados, vieram também por motivo de trabalho. O fato da família ou conhecidos já morarem em Rio Claro pode ser visto como uma vantagem em relação aos que migraram sozinhos. Para o caso de

motivo de doença, a entrevistada relatou que quando o marido ficou doente, procurou atendimento médico especializado na região de Rio Claro.

3.4 Escolarização

Foram utilizadas as variáveis: Ensino Fundamental I e II Incompleto; Ensino Fundamental II Completo e Incompleto; Ensino Médio Completo e Incompleto; e Ensino Médio concluído na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Superior.

Figura 11: Grau de escolaridade dos entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor

Chamamos atenção para os ciclos incompletos, sendo que 15% dos entrevistados não concluíram as séries iniciais do Ensino Fundamental I; 20% não concluíram o Ensino Fundamental II contra 15% que concluíram, e 5% não concluíram o Ensino Médio, evidenciando o baixo nível de escolaridade dos entrevistados. A não conclusão pode estar ligada ao abandono dos estudos para ajudar com o trabalho na roça, em propriedade particular ou de terceiros, onde se ganha por dia na colheita. No entanto, cerca de 15% declararam ter concluído o Ensino Fundamental II; 30% o Ensino Médio; e 5% concluíram o Ensino Superior (1 entrevistado), no município de origem. Outros 10% declararam ter concluído os

estudos em Rio Claro, matriculado no programa Educação para Jovens e Adultos (EJA), demonstrando alguma perspectiva em relação ao futuro.

3.5 Mercado de trabalho

Podemos observar no Quadro 2 que as opções de trabalho no município de origem são mais restritas que no município de destino, estando ligadas – com exceção da entrevistada que já lecionava - principalmente, a produção rural e as fases da cadeia produtiva, como exemplo, ajudante de carga e descarga dos produtos agrícolas. Já em Rio Claro, o leque de opções se abre, mas não exige alto grau de qualificação, mesmo porquê os entrevistados não declararam ter feito cursos profissionalizantes.

Quadro 2: Ocupação no município de origem e no município de Rio Claro

| Ocupações que exercia nos municípios mineiros | Ocupações que exercem no município de Rio Claro |
|--|--|
| Roça de subsistência (Propriedade familiar) – cultivo de feijão, milho, etc. | Operador e auxiliar de produção |
| Ajudante de carga e descarga | Armador de ferragem |
| Lavoura de algodão – Propriedade de terceiros | Serviços rurais |
| Professora | Comércio |
| _____ | Auxiliar de limpeza |
| _____ | Professora |
| _____ | Empregada doméstica |
| _____ | Autônomo: cabeleireiro; ramo alimentício; lavador de carro |
| _____ | Jardineiro |
| _____ | Entregador e ajudante de motorista |
| _____ | Vendedor ambulante |
| _____ | Ajudante de pedreiro |
| _____ | Eletricista |

Fonte: Elaborado pelo autor

3.6 Retorno

Voltar ao município de origem tornou-se uma opção pouco cogitada, uma vez que diversos fatores contribuem para a fixação no município receptor, entre eles, casar e constituir família. O trabalho na roça tornou-se pouco atrativo diante das oportunidades diferenciadas de colocação, ainda que não sejam profissões melhores remuneradas, as perspectivas são mais amplas e permitem mudanças de profissões. Outro fator relevante são as maiores opções de lazer oferecidas pelos aparelhos urbanos. A permanência dessas pessoas no bairro Jardim Progresso é considerado como um reduto de migrantes, principalmente vindos de Minas Gerais, sendo possível notar a fusão das culturas mineira, nordestina, sudestina, na comida, nas músicas e até no linguajar.

O retorno só é considerado quando se vai visitar família e parentes que lá ficaram, por isso, aos sábados e domingos pela manhã, pode-se observar um intenso movimento de pessoas que se preparam para viajar em ônibus clandestinos que levam passageiros para os municípios mineiros. O transporte clandestino é escolhido pelos migrantes por ser mais barato, e no próprio bairro funciona uma “agência” que organiza as viagens. Na fachada da “agência”, há uma placa informando os municípios por onde o transporte coletivo irá passar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, este é um tema que precisa ser aprofundado, a pesquisa serviu para tentar explorar e conhecer um pouco da trajetória dos mineiros em Rio Claro e o que os motivou a buscar o município como destino.

Os deslocamentos populacionais no cenário brasileiro ganharam força a partir dos anos 1930 tendo seu auge nos anos 1970 em virtude das restrições impostas pelo governo Vargas para, entre outras coisas, limitar a entrada de imigrantes e promover políticas de nacionalização. Tais acontecimentos estão intimamente ligados à trajetória do desenvolvimento econômico do país. Portanto, a hipótese levantada se confirma, pois as alterações ocorridas no âmbito econômico refletiram nas tendências do processo migratório que a partir da década de 1970 acompanharam o processo de desconcentração industrial da RMSP em direção ao interior do Estado.

Observou-se que o município de Rio Claro passou por reestruturações não só econômicas resultantes do processo de interiorização das indústrias, mas passou a receber a partir da década de 1970 considerável contingente populacional, refletindo a reorganização espacial do município que passou a se expandir nas áreas periféricas, que inicialmente foram ocupadas de forma irregular, ou por meio dos programas de habitação para atender a população de baixa renda.

A migração mineira que já era expressiva nos anos 1970 cresceu nos anos seguintes. Mas nos últimos quatro anos a vinda de mineiros para o município se estabilizou isto pode ser explicado pelos picos migratórios no município vizinho Santa Gertrudes, um dos polos da indústria de cerâmica, marcando o redirecionamento das migrações.

5. REFERÊNCIAS

- A “lei de cotas” de 1934: controle de estrangeiros no Brasil. CADERNOS AEL/ UNICAMP. v. 15, n.27, 2009. Disponível em <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/157/164> Acesso 10 Nov. 2015
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa em survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 152-155.
- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população. conceitos , tipologia, contextos. in. Castro, Iná Elias de et al. **Explorações geográficas. Percursos no fim do século**. Rio de Janeiro. Bertrand. 1997 pg 319-367.
- FILENI, R. F. C. **O processo migratório para o Interior Paulista: o caso de Rio Claro**. 2004. 120 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2004.
- LEITE, A.C. G.; BOECHAT, C. A.; TOLEDO, C. A.; GIAVAROTTI, D. M.; KLUCK, E. G. J.A mobilidade revisitada: capital, trabalho e subjetivação. **XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. UERJ. Rio de Janeiro. 18 a 22 de novembro de 2013
- LENCIONI, Sandra. Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio & GALVÃO, Antônio Carlos Filgueira (Org.). **Regiões e cidades, cidades nas regiões. O desafio urbano-regional**. São Paulo: Unesp/ Anpur, 2003. pp.465- 475.
- LIMA, A.C. da C.; SIMÕES, R. e OLIVEIRA, A. M. C. de. Caracterização dos padrões migratórios brasileiros no período 1980 – 2010. **In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 18**. 2012. São Paulo. Anais... São Paulo. Núcleo de Estudos da População (NEPO) Unicamp, 2012, p.1-20

MAIA, C. A. **A construção de espaço e cultura: Trajetória migratórias entre Monte Azul (MG) e Rio Claro (SP)**. 2010. 169 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2010.

MARIN, D. Alguns aspectos sociais. In: **Rio Claro Sesquicentenária**. Rio Claro: 1978. p. 105-117

MARTINS, J. de S. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 19-34

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul Andrade e Silva. São Paulo: HUCITEC, 1984

MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO “AMADOR BUENO DA VEIGA”. SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Rio Claro Sesquicentenária**. 1978. 179p. Rio Claro. Disponível em: <<http://www.aphrioclaro.sp.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Rio-Claro-Sesquicenten%C3%A1ria-1978-Parte-I.pdf>> Acesso 16 Ago 2015

PATARRA, N. L. Movimentos migratórios: características recentes. In: **O vaivém da sobrevivência**. CEM – Centro de Estudos Migratórios de São Paulo. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983. p. 47-64

PERILLO, S. Vinte Anos de Migração no Estado de São Paulo: uma análise do período 1980/2000*. In: **Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 9. Minas Gerais, Brasil, 2002**.

SAMPAIO, S.S. Indústria e o Município de Rio Claro, das origens à atualidade. Uma interpretação geográfica dos seus elementos, relações e efeitos. In: **ACIRC, 90 anos de história: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro: 1922-2012**. Organizado por Maria Teresa de Arruda Campos; Hélia Maria de Fátima Gimenez Machado. Rio Claro: Divisa Editora & Artes Gráficas, 2012. p. 123-194.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 29-62.

TROPPEMAIR, H. Rio Claro – ontem e hoje – coletânea de artigos reportando a história da cidade de Rio Claro desde sua fundação até os dias atuais. Rio Claro: 2008.

ZAVAGLIA, A.M. et al. (orgs) (1982). **Migração e urbanização: condições de vida da população residente em três bairros de Rio Claro (São Jorge, São Miguel, CECAP)**.

Trabalho apresentado na disciplina: “Estágio supervisionado de pesquisa e trabalho de graduação.” Unesp- Campus de Rio Claro.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

HISTÓRIA DE MIGRANTES. Direção Larissa Tezzari, 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=liX5moNdFFU>> Acesso 18 Jun 2015.

MIGRANTES. Direção Beto Novaes et al.2007. 1 DVD.

COSTA, R. H. Desterritorialização e mobilidade. **In: O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 235-264

ANEXOS

Entrevista nº: _____

Data: __/__/__

SEXO: () Masculino () Feminino

Idade:

Bairro em reside: _____

1- Cidade em que nasceu

2- Morou em outra (s) cidade (s) antes de Rio Claro?

3- Por que escolheu Rio Claro para morar?

4- Quando decidiu migrar, veio com a família?

5- Exercia atividade remunerada em sua cidade de origem? Qual?

6- Exerce atividade remunerada atualmente? Qual?

7- Pensa em retornar para sua cidade de origem?

8- Grau de escolaridade

9- Ano em que chegou em Rio Claro
